

GERVÁSIO LEITE: POÉTICA E POLÍTICA CULTURAL EM MATO GROSSO

Olga Maria Castrillon-Mendes²

Gervásio Leite (Cuiabá, 1916; Rio de Janeiro, 1991) compôs parte da minha memória de leitura sobre Mato Grosso, mas não tinha tido a oportunidade, que me é dada aqui, de buscar a sua produção literária. Nelson Ferreira Mendes, advogado em Cáceres, falava dele com o mesmo entusiasmo que o colega Benedito Pereira do Nascimento: um grande jurista, um filósofo do Direito que tinha o “esmero de um fino artesão e era vigilante na tessitura da prova, alicerce das portentosas defesas e sustentações de suas teses com a beleza de encantadora oratória”³.

Com semelhante ligação afetiva e intelectual, Natalino Ferreira Mendes referia-se as suas peças jurídicas e artigos veiculados na Revista do IHGMT e da Academia de Letras. Muito mais tarde, contatos com a Acadêmica Marília Beatriz Figueiredo Leite, filha do escritor, conduziu-me às pesquisas nas Revistas, mas foi no *Terra agarrativa e linda*, o lugar em que se deu o meu encontro com a escrita histórico-literária de Gervásio Leite, e este ano centenário reavivou-me o desejo de penetrar seus escritos. Descobri um polígrafo contumaz. Da variedade temática desenvolvida nos textos das Revistas, um aspecto me chamou atenção: o estilo de forte acento conceitual. As contundentes reflexões sobre a cultura e o povo mato-grossense, encontram-se sintetizadas nas crônicas, como se verá.

O tom patriótico eloquente e de exaltação aos ilustres da terra marcava as comemorações da Academia Mato-Grossense de Letras e dava visibilidade às ideias ali desenvolvidas. Uma delas foi fundamental para a época de Gervásio: a “participação silenciosa, mas eficiente e indispensável da mulher brasileira” e o povo em geral para “uma pátria livre de homens livres”. Foi por isso, um vigilante do ideário cívico, da conservação do sentido de nação, preservação das crenças comuns e manutenção do modo simples de viver.

² Professora de Literatura da Unemat/Cáceres. Dos Programas de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL e do Mestrado Profissional em Letras/Profletras. Do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras.

³ Cf. Ac. Benedito Pereira do Nascimento. “Gervásio Leite: jurista e mestre”. Revista da AML (comemorativa dos 90 anos), 2012, p. 51-55.

Seguindo preceitos do filósofo Ernst Renan (1823-1892), para quem o sentido de nação é resumido em “princípio espiritual”, valores, costumes e educação, “transmitidos” hereditariamente, Gervásio Leite professou a fé nos brasileiros tidos por ele como “soldados a serviço das grandes causas nacionais”. Como Renan influenciou a maioria dos intelectuais brasileiros da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX, o conceito de sentimento nacional era compreendido pela atuação dos “grandes homens” que congregaram uma nação⁴. O Império brasileiro utilizou-se desse ideário de alicerce espiritual com o qual se construíram os princípios sociais e políticos, principalmente nas regiões mais afastadas do país. Nessa linha de raciocínio, Gervásio propõe um “pacto cívico” que envolva os bens materiais, culturais e espirituais que formam uma nação justa e soberana⁵.

Coerente com tais princípios, discursando em nome do IHGMT, durante o centenário de nascimento do Patrono da Cadeira 21, José Barnabé de Mesquita (Sênior), coloca a vida do homenageado como um símbolo de dever e virtude e torna-se o arauto de uma juventude que o ouviria ainda hoje:

É que nesta época batida pelo tufão do mais rude materialismo as gerações presentes e futuras devem se voltar para o passado para encontrar na história a certeza de que as obras perenes são aquelas que foram construídas pela inteligência e pelo coração⁶.

Não se vê nos argumentos o conflito passado/presente, mas compromisso social que visa à articulação e releitura das diversas temporalidades. Mesmo quando trata dos sentimentos telúricos, é com a necessidade de colocar os vários saberes em diálogo para formar uma opinião consistente para a sociedade, como fala o Ac. Eduardo Mahon⁷.

Em artigo sobre D. Aquino, examina a influência da paisagem, dos homens e das coisas da terra na obra do poeta. Diz que não é uma influência escravizadora, tampouco um regionalismo convencional, episódico ou impressionista, ou fuga, mas é ampliado

⁴ Discuto os desdobramentos das ideias renanianas em *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso* (2013).

⁵ Discurso durante a sessão solene de encerramento das comemorações da Semana da Pátria, como orador oficial da AML. Cf. Revista do IHGMT, 1955-1976. Tomos 63-106. Anos 27-48, p. 11-13.

⁶ Cf. Discurso de Gervásio Leite pelo Centenário de José Barnabé de Mesquita. Revista da AML (1954-1955). Tomos 43-46. Anos 22-23. Cuiabá, 1955.

⁷ Cf. o Artigo “Gervásio *agarrativo*: um homem transfluvial”. In: Revista da AML, 2015.

pela noção universalizada, pois está “acima de qualquer influência”. No entanto, não foge à realidade que o envolve. Por isso, na sua perspectiva, D. Aquino foi um encantado pelas coisas, paisagens e figuras históricas, denotando forte acento de pertencimento⁸.

Entre o passado enraizado e o presente renovado por ideias trazidas do Rio de Janeiro, Gervásio Leite foi considerado figura ímpar no cenário brasileiro, destacando-se como jurista, com verticalizada participação em vários setores da vida pública no seu Estado e fora dele. Como reforça o confrade Benedito Pereira do Nascimento, “nasceu predestinado à verticalidade”. Fez escola, plasmou gerações. “com o esmero de um fino artesão, era vigilante na tessitura da prova, alicerce das portentosas defesas e sustentações de suas teses com a beleza de encantadora oratória” (p. 52)⁹.

A inserção na vida pública levou-o a ser conhecido como político, professor e ativista cultural. Esteve à frente dos movimentos de atualização das letras mato-grossenses. Fundou e dirigiu, com Rubens de Mendonça e Martins de Melo, a revista “*Pindorama*”, onde veiculou grande número de textos, e colaborou em vários jornais e revistas de Mato Grosso e do país¹⁰. No Movimento Graça Aranha participou, com o cacerense Euricles Mota, do encadeamento de ações inovadoras que sopraram novos ares na poesia do Estado. O Manifesto fazia coro às propostas de *Pindorama* de tornar visível as manifestações artísticas locais a partir da crença nas coisas do espírito: “queremos transmitir à inteligência mato-grossense esse dinamismo criador que sacode todo o país na hora decisiva em que vivemos” (ALMEIDA, 2012, p. 80).

A mensagem preconizada funcionaria como um libelo em favor dos movimentos locais. No 50º aniversário da Semana de Arte Moderna, Gervásio redigiu comentários ao Caderno número 07 de Silva Freire, dizendo: “a poesia e seu poeta estão causando espanto e assombro na máquina do mundo” (p. 45)¹¹. Portanto, na travessia entre dois mundos, construiu uma forma singular de inserção social e de produção artístico-

⁸ Cf. artigo de Gervásio Leite, “D. Aquino e a tradição”. In: Revista da AML. Ano 24. Tomos 47-48. Cuiabá, 1956.

⁹ Cf. artigo de Benedito Pereira Nascimento, aqui citado.

¹⁰ Cf. artigo de Elizabeth Madureira Siqueira na Revista do IHGMT, 1999, p. 277-279.

¹¹ Cf. Revista comemorativa do Jubileu de Diamante da AML, número especial, personalizado ao confrade Natalino Ferreira Mendes. Cuiabá, 1996.

cultural. Em um tempo muito anterior, usou da pena para *transver* o seu próprio mundo, da forma como faz o poeta Manoel de Barros.

O fato de percorrer outras searas da produção levou-o para além dos ensaios jurídicos. Ligou-se a estudos relacionados à história, às figuras eminentes e ao ensino primário de Mato Grosso. Sobre o tema da educação, há muito a ser dito e descoberto ao percorrer o conjunto de sua obra, como por exemplo, as ideias desenvolvidas em *Aspecto mato-grossense do ensino rural*, cujo teor continua atual¹².

Pertenceu à Academia Mato-Grossense de Letras (cadeira n. 2), hoje ocupada pela filha Marília Beatriz. Um desejo seu, confidenciado ao confrade Benedito Pereira, considero de sumo interesse para a sociedade: “fundar, com sua valiosa e invejável biblioteca, o Instituto Gervásio Leite destinado a servir de núcleo de estudos filosóficos e jurídicos para estudantes de Direito”¹³. Se ampliadas com o acervo deixado por Nelson Ferreira Mendes, hoje depositado na Biblioteca Natalino Ferreira Mendes, em Cáceres, tais títulos construiriam um arquivo jurídico único de inestimável valor sobre a ciência do Direito. Um desejo passível de realização?!

As crônicas e a síntese

Aventurando-me pelo universo intelectual de Gervásio, nas Revistas do IHGMT e da AML, vejo que os conceitos presentes nos artigos são retomados, genericamente, na coletânea de crônicas *Terra agarrativa e linda*.

Publicado nos 250 anos de fundação da cidade de Cuiabá, o livro, como diz o autor, é uma *aventura*, justificada pela necessidade de iluminar o resultado de 30 anos de pesquisa com os quais plasmou sua compreensão de/sobre Mato Grosso. É também o desabrochar de dois motivos expressos: do coração e da razão. O primeiro tem base telúrica, levado pela emoção da homenagem à cidade natal; o outro se liga ao compromisso cidadão, uma espécie de curiosidade pela ingente recepção da obra, instigado que foi pelo amigo-das-letas, Rubens de Mendonça, com o qual compunha o coro de intelectuais empenhados no papel modernizador das letras mato-grossenses.

São textos raros, merecedores de reedição comentada, não só pelo que traz da lúcida utilização vernácula, mas, principalmente, pela reatualização temática, pois como cronista revela-se um observador atento e analista da história cultural. Daí, talvez, uma das chaves das suas ideias basilares.

¹² Cf. artigo de Elizabeth Madureira aqui citado (p. 279).

¹³ Cf. artigo de Benedito Pereira do Nascimento aqui citado, p. 54.

As crônicas tratam, basicamente, da histórica formação de Mato Grosso centralizada na cidade de Cuiabá que surgiu como célula *mater* de todas as outras. Traz, também, noções da cultura interior baseada na germinadora ideia desta cultura surgir “à luz de Deus e à luz do ouro”, religiosidade e riqueza, como se constituiu o processo de formação colonial brasileiro. Os núcleos populacionais se incorporavam na arquitetura móvel, improvisada, “esparramada pela nova *urbs*”, encharcando-se nas “águas frescas e límpidas da poesia” (p. 20) sem, contudo, silenciar a história, como comenta em *Rapsódia da terra do berço*:

Plantada em meio da virgem mataria cheia de índios ferozes ela [Cuiabá] suportou dias de terríveis misérias quando a ronda das pestes, a cegueira das guerras e a violência das revoluções povoaram as suas ruas de angústia, dor e morte. Ela vem resistindo há mais de dois séculos [...] reproduzindo o milagre da vida [...] (p. 22).

O canto heroico (res)guarda o valoroso espírito de resistência da cidade que cria mitos e gera memória gloriosa. É a aventura rapsódica dos *aedos* gregos, portanto, elemento criativo de uma poética recheada de fragmentos da história gerada pelos cantos e contos, como os muitos relatos registrados pelo olhar dos cronistas e viajantes naturalistas, cujos textos são fartamente utilizados pelo escritor.

Seguindo a linha épica, apesar do singelo número de páginas, o livro é intrinsecamente denso nas ideias que defende. Daí a minha proposta em destrançá-las neste breve comentário.

O ano de publicação é 1969 e a Gráfica Cinco de Março, do vizinho estado de Goiás, constituía o veículo pelo qual os textos vinham à luz. São 67 páginas de narrativas enxutas, vazadas pela pena escorreita de um homem afeito às letras. Abraça a cidade, desde a Vila Real, passando pela criação da capitania de Mato Grosso, pelo traçado da saga dos desbravadores dos sertões e caminhos monçoeiros, para desembocar no que chama de “*folk-dance*” cuiabano. São páginas coroadas pela saudação final à cidade homenageada, proferida na Casa Barão de Melgaço, de cujo quadro fez parte, tanto como “mortal” elemento da diretoria, quanto como “imortal” acadêmico.

Nesse sentido, alguns fundamentos das ideias são oriundos do esgarçamento cronológico com que sutura os fios da memória cultural. Para isso, sintetizo alguns aspectos que seguem reinterpretados a partir das expressões-chave por ele utilizadas.

1. **Sobre o povoamento de Cuiabá** “no coração da América Latina”: se deve mais aos desbravadores que fundavam e erigiam as vilas do que às iniciativas oficiais.

Uma terra que se constrói pela saga do povo. Comenta que para a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, vieram “mais de 3 mil pessoas entre brancos e negros, em um comboio de 308 canoas” (p. 9-10) para um “povoado de garimpeiros de poucos recursos que não podia alimentar e agasalhar tanta gente (p. 12). E continua: A cidade é resultado da “mágica do ouro, metal precioso que viajou para Londres via Lisboa, alterando uma concepção econômica, criando um novo tipo social e influenciando decisivamente na história da Europa pelo poderio que a Inglaterra adquiriu a custa do ouro brasileiro” (*Saga da minha cidade*, p. 17).

2. **Sobre a ideia de Cuiabá como símbolo e célula-mater de outras cidades.** É a cidade-monumento, cuja imagem está solidificada pelas crônicas históricas. Essas características, diz, parecem as de uma “velhinha nos seus 222 anos, quando escassos dois séculos são apenas o período da adolescência na vida das cidades. Cidade-moça, gárrula, festiva, sempre viva, sempre verde. Cidade-moça, mas cidade-mater, mãe de todas as outras cidades mato-grossenses” (*idem*, p. 18).
3. **Sobre o surgimento das cidades coloniais.** Estas são fruto da tempestade humana, portanto, movimento humano transformador do espaço: “Aberta a lavoura, levantada a capela, as duas necessidades mais urgentes dos bandeirantes – à luz de Deus e à luz do ouro – logo o núcleo se incorporou sobre a terra nova, na arquitetura infantil da sua rancharia e sob a sisudez caturra do Estado português [...]. Desde cedo, entretanto, ela se encharcou nas águas frescas e límpidas da poesia” (*Rapsódia da terra do berço*, p. 20). Assim, sob o signo do ouro, Cuiabá se recria nas narrativas mítico/místicas: “É a força da lenda que marcheta de ouro todos os longos anos de nossa história” (*idem*, p. 52).
4. **Sobre Mato Grosso como ponto de encontro de fronteiras móveis,** é a larga visão histórica do escritor que está para além da geografia citadina. Dá-lhe dimensão do sentido de fronteira estratégica, pela posse das colônias, diplomacia portuguesa, administradores coloniais de tirocínio, numa geopolítica de encontro de biomas diversos, de sistemas hidrográficos que permitiram o deslocamento humano (*Criação da Capitania de Mato Grosso*, p. 25-30). Está no *entre-lugar* do passado e da vanguarda, construindo uma história plural, cujo discurso traça o sentido do Brasil a partir do seu interior, criando imagens, muitas vezes

estereotipadas¹⁴. Como pensado por Silviano Santiago, o entre-lugar do discurso “de margem” em interação (diálogo) e não submissão. Discurso da inclusão, da valorização do diferente, elegendo o seu essencial valor estético.

5. **Sobre o espaço (poético) entre a fronteira e o Pantanal**, constrói-se o perfil de uma gente destemida, afeita a rasgar caminhos, marcar pontos pelas bandeiras das águas (monções). Escrevem com hidroletras os sertões brutos “desde Ararituaba (Porto Feliz) até aos diferentes portos de parada do rio Cuiabá ou, no Coxipó, aproveitando sempre os rios que servem de afluentes ao Paraná e ao Paraguai” (*Caminhos das monções*, p. 37).
6. **Sobre a gente cuiabana e a ideia de enraizamento cultural**, saída da verve de desbravadores nômades essa gente necessitou de rapsodos que construíram a “identificação emocional com a cidade, dessa identificação do cantor com a musa, daquela identificação que está no Genesis: *et erunt uno en carne dua*”. Dessa busca identitária nasceu o bairrismo, “essa forma ingênua e primeira de amar a terra, semente pequenina, frágil do patriotismo, esse amor absorvente e terno do filho amando sua mãe [...] essa floração interior que é o orgulho da terra em que nascemos, essa identificação cheia de vida tocada pela luz, transfigurada pela poesia, que é a dedicação do cuiabano por sua terra” (p. 21). Não é, portanto, sentimento xenófobo, mas posição intermediária entre as experiências sensíveis e inteligíveis. Como se viu pelo processo de formação literária, a intensificação do bairrismo criará falsas imagens, como a de “paus rodados” atribuídas aos que chegavam sem estarem ligados às raízes nativas:

O padre José Manuel de Siqueira acha que seu nome [Cuiabá] vem de Cuuyavá que significa “gente caída”. Nesse apelido por certo, pôs o bom padre colonial toda a sua malícia e ironia, como nestes dois séculos vem fazendo os ‘paus rodados’ que por aqui aportam. [...] Se caímos não caímos de todo, ficando alguma coisa para a redenção depois da queda e, que, tinha razão quem disse que caindo aprende-se a levantar (p. 21).

7. **Sobre cultura e poesia**, Cuiabá aprendeu a viver “dentro de uma dureza espartana” (p. 65). Mesmo considerando a imensidão geográfica de Mato Grosso, Gervásio tem a consciência histórica de que o povo se constituiu de

¹⁴ Cf. nossa análise sobre cartas e instruções dos administradores coloniais (dissertação de mestrado. Unicamp, 1998).

“férrea determinação”, vocação patriótica, de apego à terra que lhe serviu de berço e que povoou os anos da infância, da imaginação, das paisagens e da memória. Esses são os elementos que, na visão do Barão de Melgaço, mereceram o epíteto de “terra agarrativa e linda” (p. 67), expressão acatada nos argumentos de Gervásio Leite.

Mesmo compreendendo o forte apelo regional, necessário naquele momento em que se acreditava na unidade nacional através do apego à cultura local, Gervásio Leite professa a abertura para o novo, ou seja, concebe a tradição como um marco do passado plantado na memória do tempo (p. 22). Eduardo Mahon, escrevendo sobre o seu caráter “transfluvial”, diz que “imprensado entre o passado e o futuro [...] é *agarrativo* em memórias e desgarrado em vanguarda”¹⁵, como se viu nos fragmentos acima.

Nesse sentido, analisa o “povo cuiabano”: destemido e forte, cultivador dos costumes de origem ibérica e da pacífica convivência de estilos e classes sociais. As festas religiosas e profanas conviviam em todos os ambientes, mesmo aqueles que envergavam pianos de primeira qualidade (p. 45). Na crônica “*Folk-dance cuiabano*”, rememora a tourada, a marujada e a cavalhada de traços ibéricos, acentuando a influência negra de larga repercussão na formação do povo, como na dança do cururu considerada “monótona” pelo lusitano Ferreira Moutinho.

Portanto, as ideias basilares lançadas nas publicações periódicas culminaram nas contundentes argumentações de *Terra agarrativa e linda*. Convocam, assim, à reflexão sobre o que está cristalizado, entendendo que, para afirmar ou negar qualquer postulado é preciso compreendê-lo, tanto no espaço político de representação, quanto no da subordinação (ou da subversão).

Nesse sentido, Gervásio Leite tateou terrenos movediços, consciente da dupla função do intelectual: expor as feridas e traduzi-las para além da sacralização original.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marinei. **Revistas e jornais**: um estudo do Modernismo em Mato Grosso. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2012.

¹⁵ Cf. Artigo de Eduardo Mahon, “Gervásio *agarrativo*: um homem transfluvial”. In: Revista da AML, 2015.

CARVALHO, S. Carlos Gomes de. **Panorama da literatura e da cultura em Mato Grosso**. Vol. 1 e 2. Cuiabá: VerdePantanal, 2004.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. **Nas raias de Mato Grosso**: o discurso de constituição da fronteira. Dissertação (Mestrado em Letras) – IEL/UNICAMP, 1998.

_____. **Taunay viajante**: construção imagética de Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

COSTA E SILVA, Paulo Pitaluga. **Estudo bibliográfico da história, geografia e etnologia de Mato Grosso**. Cuiabá: CCS, 1992.

LEITE, Gervásio. Discurso do Acadêmico Gervásio Leite pelo IHGMT. **Revista da AML** 1954-1955. Tomos 43-46. Anos 22-23. Cuiabá, 1955.

_____. D. Aquino e a tradição. **Revista da AML**. Ano 24. Tomos 47-48. Cuiabá: Livraria e Papelaria União Carvalho, 1956. Edição consagrada à memória do Arcebispo D. Aquino Corrêa.

_____. Discurso proferido a 7/9/1976, sessão solene de encerramento das comemorações da Semana da Pátria, pelo orador oficial Gervásio Leite, Presidente da AML. **Revista do IHGMT**, 1955-1976. Tomos 63-106. Anos 27-48, p. 11-15.

_____. **Terra agarrativa e linda**. Homenagem a Cuiabá na passagem do 250º aniversário de sua fundação. Goiânia/GO: Cinco de Março, 1969.

_____. Revista comemorativa ao Jubileu de Diamanta da AML. Número Especial, personalizado ao Acadêmico Natalino Ferreira Mendes. Cuiabá, 1996.

MAHON, Eduardo. Gervásio agarrativo: um homem transfluvial. **Revista da AML**. Cuiabá, 2015.

MENDONÇA, Rubens. **Dicionário biográfico mato-grossense**. Goiânia/GO: Rio Bonito, 1971.

NASCIMENTO, Benedito Pereira do. Gervásio Leite: jurista e mestre. In: FREIRE, N. Q. & SIQUEIRA, E. M. (Orgs.). **Revista da AML**. Comemorativa dos 90 anos. Cuiabá, 2012, p. 51-55.

PÓVOAS, Lenine Campos. **História da cultura mato-grossense**. Cuiabá, 1982.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. Gervásio Leite. **Revista do IHGMT**. Comemorativa dos seus 80 anos de fundação. Tomo 47. Ano 71. Cuiabá, 1999, p. 277-279.